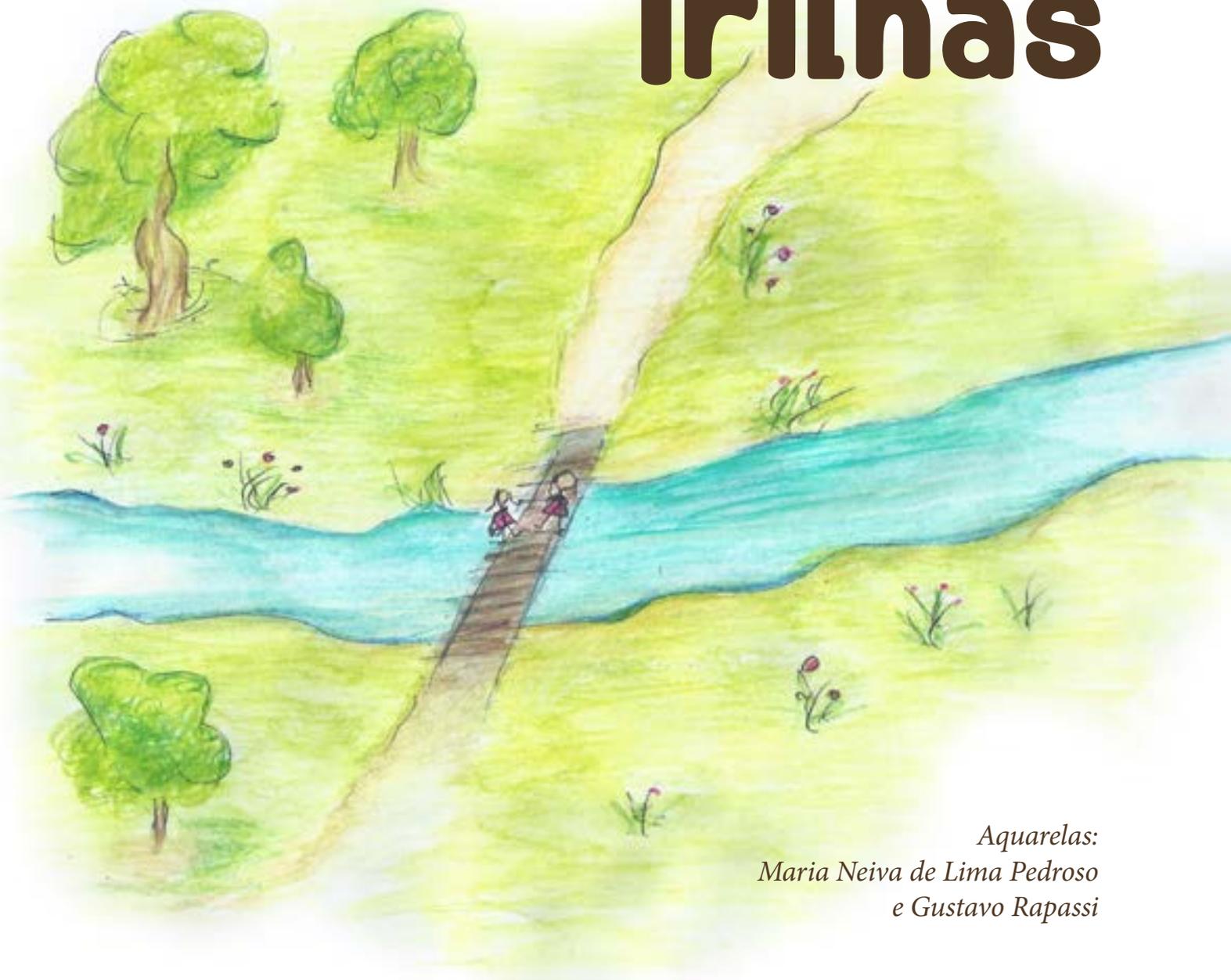


Maria Neiva de Lima Pedroso

Trilhas



*Aquarelas:
Maria Neiva de Lima Pedroso
e Gustavo Rapassi*

Agradecimentos

A Deus: por ter conseguido chegar ao fim dessa historinha que um dia será lida também pelas crianças da minha querida e inspiradora família;

Aos meus queridos filhos, netos, bisnetos e familiares.



Dedicatória

Para os meus queridos bisnetinhos: Miguel, Alice e Arthur, presentes maravilhosos que recebemos em 2017 e aos que ainda virão...

Para a minha querida filha Maria Ignez (Lelei): que por estar sempre me incentivando, é a razão de ser desse livro.

Nina Rosa tem dez anos, é a terceira numa família de cinco filhos. A mais velha tem quatorze anos, o menino, doze, ela, e depois outra com oito anos e a caçulinha com três anos.

Nina, como é chamada, é uma criança feliz, acha os pais maravilhosos e suas vidas harmoniosas. Sempre gostou de brincar e de ler. Suas brincadeiras eram reais e imaginárias. Uma vez, estando na janela contemplando a vista, o horizonte, pensou: “Se eu for andando sempre para frente, vou poder enfiar a mão no céu (lá onde ele se encontra com a terra). Faço um burquinho e espio como é do outro lado”. E, mentalmente, fazia tudo isso.

Quando chovia, lá estava ela sob a chuva com seu vestido estampadinho de algodão, rodopiando e se encharcando. Fazia uma frota de barquinhos e os soltava na enxurrada da sarjeta, qual rio caudaloso. Era uma aventura.

Certa vez, sua mãe lhe pediu que fosse até a máquina de arroz buscar um pouco de cinza do arroz (que era boa para ariar panela) e recomendou:

- Procure bem embaixo e pegue a “flor da cinza”.

Nina ficou contente, pois adorava ir para os lados da máquina, onde passava um córrego para atravessar. Uma pinguela estreita unia as margens.



Chamou uma amiguinha e lá se foram. Chegando, procuraram um bom monte de cinzas e começaram a enfiar as mãos para acharem a “flor da cinza” como queria a mamãe. Abriram muitos túneis na montanha de cinza, mas, nada de flor... Já estavam desanimadas e como nada achassem resolveram encher as latinhas com as cinzas lá do fundo para não chegarem de mãos abanando. Chegaram muito sem graça e Nina se desculpou dizendo que por mais que procurassem não acharam a tal flor, por isso, trouxeram somente as cinzas. Mamãe começou a rir e Nina ficou espantada. A mamãe disse:

- Pois vocês me trouxeram o que eu queria, a “flor da cinza” de arroz.

As meninas arregalaram os olhos e disseram:

- Mas, como? Nós só encontramos a cinza, não a flor.

- Sua bobinha, “flor” é o nome que damos à cinza encontrada lá no fundo, a última camada finíssima e rosada. Essa que é a boa! As meninas riram-se divertidas e contentes por terem cumprido a missão.



Depois disso, só mesmo uma boa brincadeira na casa da amiga, pois, lá havia uma casa de madeira construída por entre forquilhas e galhos de uma frondosa árvore. Lá brincavam de casinha com bonecas, roupinhas e comidinhas de “faz de conta”. Até o gatinho gostava de ficar por lá.



Aos sete anos foi com mamãe matricular-se na escola. Mostrou-se estudiosa e esforçada, mas, não abandonou as brincadeiras. Era muito querida por suas amigas e viviam sempre no “mundo da Lua”.

Certo dia, a mamãe ficou doente. Foi um horror, todos desnorteados. Como moravam em uma cidade pequena, papai levou-a para uma cidade grande, com mais recursos, e lá ela foi internada em um hospital. Felizmente, nessa cidade moravam os seus avós maternos em uma linda chácara.

Assim, Nina e os seus irmãos foram ficar com os avós. Apesar da nuvem escura que pairava sobre a família, Nina adorou o lugar se deslumbrando com o pomar, com o riacho e com as paisagens maravilhosas.

Cansada de subir em árvores e empanturrada com as frutas que colhera, deitava-se sobre um chão alcatifado de folhas ao lado de uma mina d’água pura, margeada de frescas folhas de taioba.

Desse lugar aprazível, avistava-se sobre uma colina uma fazenda com sua casa grande, toda pintada de azul; tornou-se o sonho de Nina.

Em seus sonhos procurava por caminhos, estradas, desvios que a levassem a algum lugar mágico.





Nessa procura, tornou-se uma grande exploradora de lugares. Levantava-se cedo, tomava o leite quentinho tirado na hora pelo vovô, comia um bom pedaço de pão caseiro com uma generosa camada de manteiga que a vovó fazia e lá se ia para os campos, estradas, desvios. Nina se sentia mesmo a própria exploradora, maravilhando-se com a natureza.

Certa vez, ainda na estrada, entreviu uma trilha que seguia por entre árvores, orlada por lindas flores do campo crescendo no meio da grama. Uma cerca, porém, impedia que se fosse até lá. Nina pensou: “tenho que ir lá”. No minuto seguinte, já havia pulado a cerca e começava a andar pela linda trilha! Já havia andado uns duzentos metros, quando viu uma casinha feita de tronco de palmeiras, coberta de sapé. Apressou o passo e ao chegar ficou encantada com o que viu...

Havia flores por todos os lados e cercando a porta uma guirlanda toda colorida formada por uma trepadeira. Latas de folhagens na frente e um caminho que começava na porta e sumia depois de uns cinco metros.



Pedrinhas brancas, pretas, azuis marcavam suas margens e um gramadinho esmeralda atapetava sua frente. Chamava a atenção, também, tantas árvores espalhadas pelo terreno.

Ainda estava parada, quando saiu uma senhora de uns sessenta anos, muito simpática, que lhe disse:

- Há muito tempo não vem ninguém me visitar. E você, linda menina, onde mora?

- Bom dia, senhora, eu moro perto, estou na casa de meus avós que são donos da chácara aqui ao lado, indo para a Vila Santa Cruz.

- O que uma menininha faz andando sozinha por essas bandas?

- Eu gosto muito de conhecer lugares e lá na estrada vi um caminho bonito cheio de flores e verdes e tive vontade de conhecer. A sua casa é linda, diferente de todas as outras.

- Pois chegou em boa hora, acabei de tirar do forno umas rosquinhas de nata. Entre e conversamos, enquanto você experimenta os meus quitutes.

Nina entrou observando o interior que era tão bonito como o exterior. Na sala havia uma mesa, cadeiras ao redor, uma cristaleira e completando um sofá e poltrona de vime sobre um tapete rústico de crochê. A senhora voltou da cozinha, ao lado, trazendo um prato com as rosquinhas e um bule.

Nina se sentou à mesa e foi servida com uma xícara de chocolate quentinho e cremoso. A senhora então lhe perguntou qual o seu nome.

-Nina Rosa; e a senhora, faz tempo que mora aqui?

-Sim, muito. Mas, estou pensando em ir para outro lugar, pois estou sozinha, muita solidão. Fala-me sobre sua família, seus irmãos...



-Nós viemos para cá porque mamãe ficou muito doente e meu pai a trouxe para se tratar aqui, pois é uma cidade maior com mais recursos. Ela está no hospital, onde ficará muito tempo. Meu pai voltou para a nossa cidade, onde trabalha, e nós ficaremos com os nossos avós até podermos voltar. Mas, estamos com muito medo porque a doença é grave e ainda não tem remédio para combatê-la. Mas, mamãe é forte e temos pedido muito a Deus por ela. Nós somos cinco filhos. A mais velha tem quatorze anos, meu irmão doze, eu tenho dez, a mais nova que eu tem oito e a caçula tem três anos. A vovó Lina e o vovô Quincas são muito bons e ainda temos três tios que fazem tudo para nos agradar. Nina ficou espantada por ter falado tanto e se desculpou.

-Gostei do seu desabafo e pode falar o quanto quiser.



Nina sentiu que podia confiar naquela senhora, achou-a simpática e parecia-lhe que eram velhas conhecidas. Veio-lhe então à mente o sonho que teve um dia e vez ou outra era repetido: Via-se seguindo uma trilha e esse caminho se bifurcava e, mais adiante, outros atalhos apareciam, até não saber mais onde se achava. Olhava para os caminhos e procurava uma inspiração para encontrar o certo.



De repente, um coelhinho correu para um deles e Nina não pensou, foi atrás do animalzinho, seguindo-o. O caminho se tornou reto e a menina, depois de andar por um bom tempo, chegou a uma chácara.

Era uma casa simples com um lindo jardimzinho na frente. Na varanda, um casal de meia idade sentados em cadeiras de balanço, conversando.

Nina um tanto envergonhada os cumprimentou e se disse um tanto perdida. Foram muito simpáticos, deram-lhe uma cadeira para se sentar e descansar um pouco. Ela então se apresentou e lhes disse onde morava e o que estava acontecendo com a mamãe doente. Falou-lhes da gravidade da doença e do medo com que viviam.



A senhora com toda ternura a animou e lhe disse que confiasse em Deus, pois, os corações puros são privilegiados.

Agora, menina, venha comigo. Vou lhe mostrar o meu quintal. Levou-a pela mão. O quintal era mais bonito que o jardim! Cheio de pássaros, uns mais lindos que os outros e o que espantava...não havia gaiolas! Chamaram-lhe a atenção umas pombas branquíssimas e mansas.

Dona Sofia (esse era o nome da senhora) pegou uma com as mãos, mostrando-a a Nina.

-Querida Nina, essa pombinha conhece todas as trilhas para o céu; escreva um bilhete fazendo um pedido e nós o amarramos na perninha dela. Certamente, ela voará contente para entregá-lo.



Nina ficou animadíssima, escreveu logo o pedido e o entregou a Dona Sofia para amarrá-lo na perninha da pomba. A menina deu um beijo de gratidão na avezinha e Dona Sofia a soltou, pedindo-lhe que voltasse logo e com boas notícias.

Nina sempre acordava nesse ponto. Mas, o sonho se repetiu umas três vezes e seu coração se enchia de esperanças e um raio de luz iluminava sua vida.

-A menina está com o pensamento longe... Quer dizer alguma coisa mais?

-Desculpe-me, senhora. De fato, eu estava pensando em um sonho que ando tendo.

-Poderia me contar esse sonho?

-Posso sim; é bem estranho... E Nina lhe contou todo o seu sonho.

A senhora se emocionou com aquele lindo sonho e sentiu uma grande vontade de que ele se realizasse e o pedido dela, aceito.

-Nina, eu também tenho pássaros aqui na minha casa, vamos procurar uma pombinha branca para levar o seu pedido. Quem sabe ela acha o caminho do céu, guiada por um anjo?!

A senhora escolheu uma pombinha e a levou para dentro. Mais que depressa foi providenciando um lápis e papel, no qual Nina escreveu o seu pedido que foi bem enroladinho e amarrado na perninha da pomba. Sua dona a pegou ternamente, alisou suas penas e disse: - Vai, querida, e só volte com uma boa notícia. Nina também lhe fez um carinho, despedindo-se com um beijo e ficou admirando-lhe o voo.

-Pronto! Agora só nos resta rezar e esperar.



-Dona Luiza, a senhora foi muito bondosa comigo; será que poderia voltar outra vez em sua casa para saber as notícias?

-Sim, deve, porque ficamos amigas e você é uma menina corajosa e querida, virá trazer muita luz para as nossas vidas. Venha mesmo!

Nina se despediu e lá se foi toda feliz pelo caminho que a atraía tanto. Ao chegar perto da estrada, atravessou novamente a cerca e seguiu para a chácara de seus avós. Aquele passeio não lhe saía da cabeça: -“E agora, será que a pombinha voltará”?

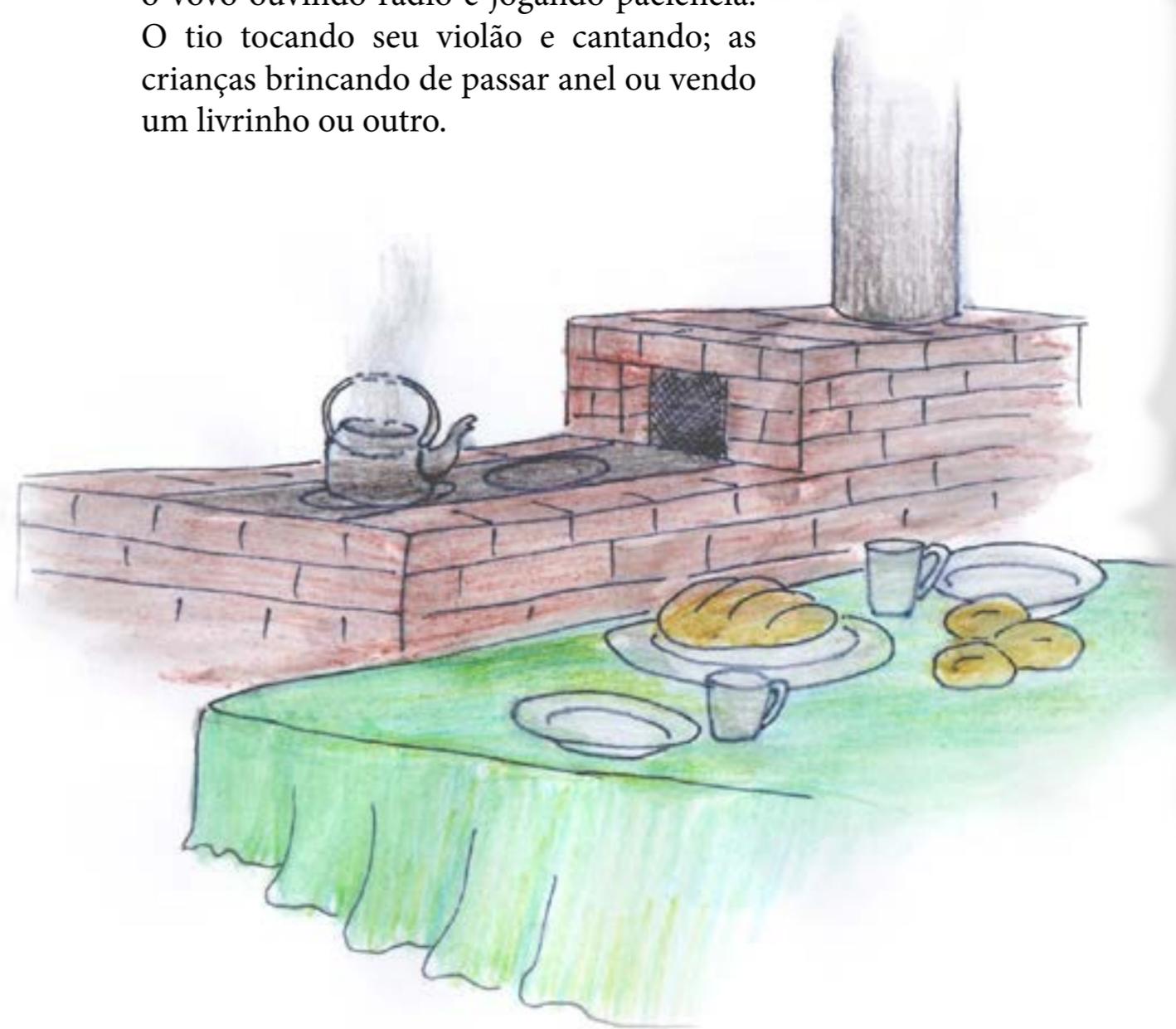
Nina se juntou com seus irmãozinhos e foram andar pelo pomar, subindo e descendo das árvores, colhendo seus mais variados frutos. Pararam para descansar ao lado da mina d'água. Colheu uma folha grande, fez com ela um cone, enchendo-a com a água cristalina, sorvendo-a com delícia.

Todos beberam da água da mina e logo após saíram pulando como cabritinhos felizes. Já estavam quase chegando quando ouviram a tia os chamando para o jantar.

Nina gostava daqueles momentos, quando todos já limpinhos iam se sentar à mesa com os avós e tios.

Vovó era ótima cozinheira e as panelas de ferro pretas com arroz e com feijão iam fumegantes para a mesa. As verduras frescas e colhidas na hora. E o frango que ela fazia! Com vários acompanhamentos como mandioca, quiabo... A vovó fazia também uma farinha que ela torrava delicadamente na panela com fubá mimoso.

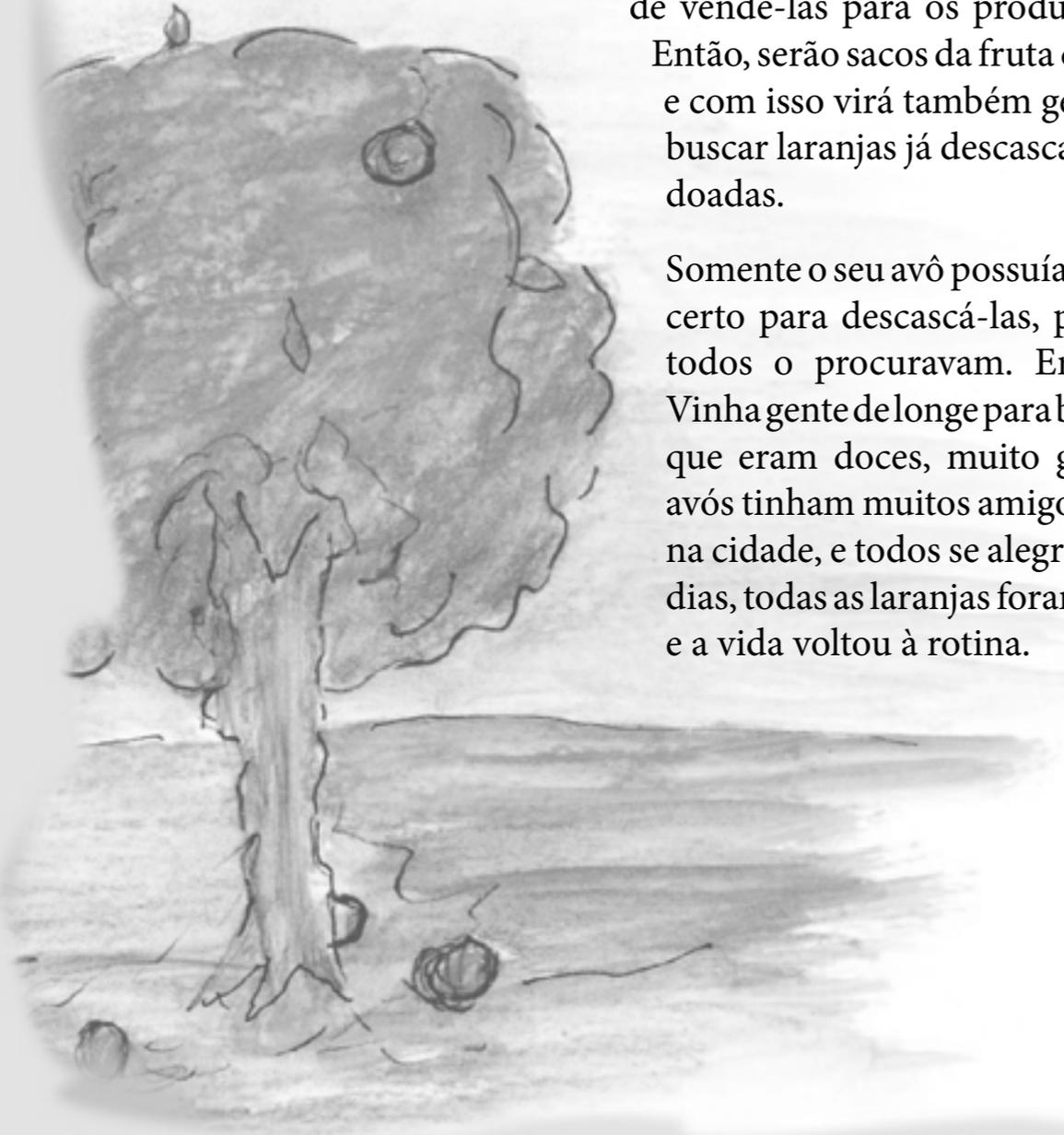
Depois do jantar, todos ficavam ali pela sala, o vovô ouvindo rádio e jogando paciência. O tio tocando seu violão e cantando; as crianças brincando de passar anel ou vendo um livrinho ou outro.



De repente, vovô se levantou e pediu atenção:

-Essa semana será movimentada por esses lados, pois, começaremos receber laranjas dessa região para lhes tirar as cascas, a fim de vendê-las para os produtores de óleo. Então, serão sacos da fruta que irão trazer e com isso virá também gente da cidade buscar laranjas já descascadas que serão doadas.

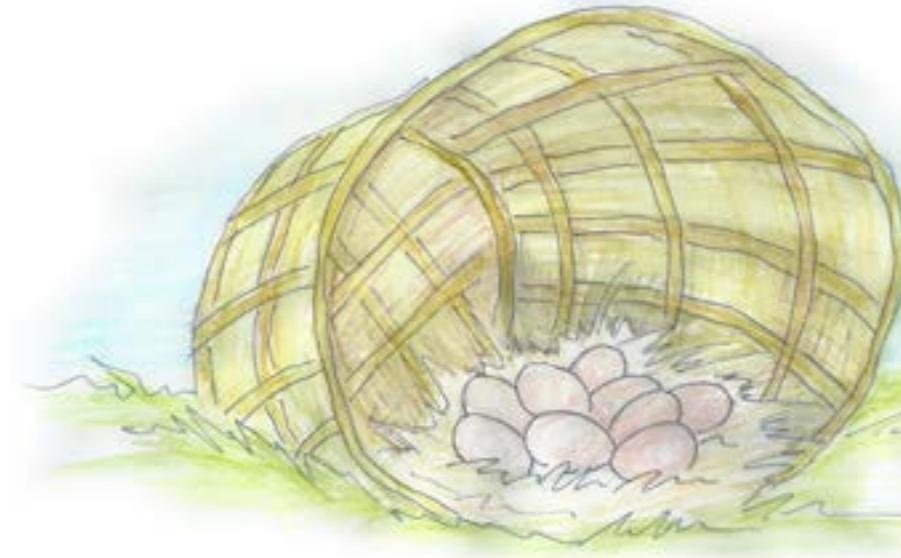
Somente o seu avô possuía o maquinário certo para descascá-las, por essa razão todos o procuravam. Era uma festa! Vinha gente de longe para buscar laranjas que eram doces, muito gostosas! Seus avós tinham muitos amigos, no campo e na cidade, e todos se alegravam. Em três dias, todas as laranjas foram descascadas e a vida voltou à rotina.



Depois do café da manhã, vovó lhe pediu que fosse recolher os ovos. Era um dos serviços prediletos de Nina, pois, os ninhos se achavam nos lugares mais pitorescos do quintal: num cantinho escondido da horta, havia um; entre as touceiras de bambus, outro; debaixo de uma janela sob um manacá florido; mais um ninho, e outros e outros. Nina Rosa recolheu os ovos e os levou para dentro e a vovó lhe perguntou:

-Hoje não tem caminhada, Nina? Está um dia muito bonito!

-É verdade, vovó, faz tempo que não vejo minhas trilhas, vou andar um pouco.



Nina se lembrou de Dona Luiza, que tinha sido tão bondosa com ela, lembrou-se também das pombinhas. Pensou: “Vou até lá, será que a pombinha já voltou?”



Assim pensando, resolveu voltar às caminhadas de que tanto gostava. Avisou a vovó e saiu toda lampeira. Com o roteiro na cabecinha, rumou para a chácara da D. Luiza. Seu único medo era de não encontrá-la. Mas, parando aqui e ali, lá chegou e ficou feliz ao vê-la à porta!

- Linda criança, que bom revê-la!

- D. Luiza, já estava com saudades! E a pombinha, já voltou?

- Sim, e com boas notícias! Imagine que ela voou o tempo todo com uma folhinha verde em seu bico!

- São as notícias que esperamos? Tomara que sim! Vovô tem ido ao hospital e ficou sabendo que os laboratórios têm tido vitórias nas pesquisas e papai deve chegar por esses dias para conversar com os médicos.

- Graças a Deus, Nina! E agora vamos ao quintal ver a sua amiguinha que deve ter encontrado sua trilha.

Nina saiu correndo para encontrá-la. Muito agradecida, Nina pegou-a e acariciou-lhe as asinhas. Um sentimento de paz a invadiu e teve certeza de que mamãe logo voltaria.

Nina se despediu de D. Luiza e foi correndo para casa dos avós. Para completar sua felicidade, um pouco mais tarde, chegou o papai todo feliz e rindo.



Papai deu-lhes a grande notícia: apenas mais uns dias e todos voltariam para casa juntamente com mamãe. A sala foi invadida por risadas, conversas e cantorias. Era uma casa feliz e abençoada!

Copyright © Maria Neiva de Lima Pedroso; Gustavo Rapassi
Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos.

Maria Neiva de Lima Pedroso; Gustavo Rapassi
Trilhas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 34p.
ISBN 978-85-7993-686-9
1. Literatura infantil. 2. Autores. I. Título.
CDD – B-869

Capa e aquarelas: Maria Neiva de Lima Pedroso; Gustavo Rapassi
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito
Projeto gráfico: Galiás Comunicação
Diagramação e arte final: Giulliano Paraventi
Conselho Científico da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2019

Maria Neiva de Lima Pedroso

Nasceu no dia 11 de outubro de 1931, em uma cidadezinha de Minas Gerais chamada Garimpo das Canoas, mais tarde, denominada Claraval. Cresceu em uma família que gostava de ler e de contar histórias. Em sua infância, saía sempre com seus pais e com seus irmãos pelos campos, observando tudo que havia ao redor. Sua mãe recolhia flores exóticas e todos eles se divertiam naquelas trilhas bucólicas, colhendo gabiobas e outras frutinhas do campo. Fez magistério e foi uma dedicada professora primária, até se aposentar. Casou-se, teve filhos, netos e bisnetos. Desde 1961, reside em Votuporanga (SP). Em 2009, escreveu um pequeno texto para ser lido pelas crianças que frequentavam a Varanda das Palavras, espaço cultural de incentivo às práticas sociais de leitura e escrita idealizado por sua filha fonoaudióloga e pesquisadora na área dos estudos da linguagem. Nesse texto, criou um nome fictício para a personagem protagonista, narrando sobre uma das passagens mais singelas de sua própria vida, quando ainda era criança e sua mãe lhe pediu para buscar a flor da cinza do arroz. As crianças leram e gostaram muito. Os anos se passaram, o texto foi guardado e, bem mais adiante, em 2017, com a chegada dos seus bisnetos, um sonho seu se consolidou. Sentiu vontade de dar continuidade àquele pequeno texto, que foi a origem dessa história, para presentear-los com a publicação de um livro de sua autoria, escrito por lembranças ressignificadas e permeadas de encantos para todos os leitores sensíveis.



Gustavo Adolfo Rapassi

Nasceu no dia 2 de agosto de 1974, em Votuporanga-SP, cidade com tradição em artes plásticas. Filho de marchand e professora de música, herdou de seus pais e de seus avós italianos o gosto pelas artes. Revelou-se autodidata inspirado no ambiente em que vive, um pequeno paraíso. Desenha a fauna e a flora dedicando a elas sua atenção, observação e estudos. Desde criança, demonstrou preocupação ecológica, reciclando produtos. Em 1996, construiu seu atelier usando material de demolição. Começou a dar aulas de artes para alunos de todas as idades, propondo desenvolver a capacidade criativa de cada um, utilizando as técnicas: desenho, pintura a óleo sobre tela, gesso, cerâmica, madeira, móveis, parede, afresco, manchado, textura, esponjado, molde, mosaico, artesanato, modelagem, papel machê, reciclagem, restauração, instalação, grafite, pastel, aquarela, acrílico, látex, teorias de estilos de arte, cores e tintas, anatomia, perspectiva, H.Q e aceitando o desafio de usar novas técnicas. O artista possui exposição permanente em seu atelier e na loja da família, onde trabalha diariamente com decoração e paisagismo. Sempre procurou fazer de sua vida uma obra de arte.



Maria Neiva de Lima Pedroso

Trilhas

